



João Adolfo Funk.

Foi o primeiro chefe que tive, eu estafeta no 7º Distrito de Construção, do Departamento Nacional de Estradas de Ferro. O Distrito gaúcho foi criado precipuamente para implantar a chamada Ferrovia do Trigo, que iria ligar General Luz a Passo Fundo. Ele era o que hoje se chamaria de gerente administrativo, numa repartição

onde havia burocratas, engenheiros e estudantes de engenharia. Havia, também, as empreiteiras, que no fim do ano obsequiavam datilógrafas, que trabalhavam exaustivamente em largas máquinas de escrever *Remington* ao datilografar planilhas. Obsequiavam, também, miúdos como eu pelo trabalho extra de servir cafezinho para que as planilhas fossem executadas a tempo de as empreiteiras serem remuneradas pelo Governo. Tínhamos uma espécie de informal décimo terceiro salário, nos anos 1950. As empreiteiras!

Pois *seu Funk* (não pronunciar ao ler "*Fank*") eu o conheci nos meus 15 anos, como um senhor que gostava de andar de motocicletas. Vestia jaquetas de couro e óculos de motociclistas. Assim andava ele, no seu ir e vir para o trabalho e nas folgas de fim-de-semana. Era um chefe boa-praça.

De repente, ele começou a pingar gotas (inócuas) em seus olhos e comer muito amendoim: iniciava a luta contra o glaucoma que o levou, em uns poucos anos, à completa cegueira.

E o que faz o jipe ali na foto?

Para os distritos no interior do Estado o Ministério enviou um certo número de jipes chamados de, e eram, sobras de guerra. Um, pelo menos, ficou em Porto Alegre.

Em tarefas da rotina burocrática, seu Funk saía dirigindo o jipe e comumente me levava para entregar coisas.

O glaucoma foi apagando seu nervo ótico implacavelmente e, teimoso como era, em uma Porto Alegre pouco povoada de automóveis, não poucas foram as vezes em que, como num filme de Al Pacino, seu Funk dirigia, e eu dizia: Para, anda, dobra à direita etc.

Isto é real.

Saudade deste meu primeiro ícone: Seu Funk.